

Raul Brandão e os Açores 2

Quero começar por agradecer a Luís São Bento a oportunidade de vir ao Faial apresentar este livro, permitindo-me retribuir — modestamente — os dias que passei nesta biblioteca a consultar jornais quase centenários que foram essenciais à escrita e documentação deste trabalho que talvez mereça ser considerado como um apêndice útil à leitura e compreensão de *As Ilhas Desconhecidas. Notas e paisagens* de Raul Brandão. O director da biblioteca da Horta foi então muito pró-activo, como agora se diz, ao recomendar-me que conversasse com Victor Rui Dores, que logo nas primeiras frases se revelou um hábil conhecedor das peripécias de política regional e das rivalidades egocêntricas que feriram, em modo ricochete, o périplo do escritor pelo arquipélago. Além dos papéis velhos que eu procurava, vim, afinal, encontrar num simpatiquíssimo professor de liceu uma memória viva — indirecta sem dúvida, mas viva — daquele tão longínquo verão de 1924 em que o escritor fozduriense zarpuu de Lisboa apontando ao pequeno Corvo, como alvo primordial de um roteiro insulano que lhe desse num livro tão bem sucedido como os seus *Os Pescadores*, lançado um ano antes. E por tudo isso eu não podia deixar de convidá-lo para ler o meu livro e falar sobre ele nesta sessão, propiciando-me uma ocasião para agradecer-lhe publicamente o apoio que dele recebi. Mas a minha sorte é ainda maior. A generosidade de Rosa Dart permite-me agora voltar ao seu Porto Pim Bay, de que guardo as melhores recordações dum primeira estadia de há dois anos atrás, e é um alojamento local que elogiei, recomendei e recomendarei sempre a amigos e conhecidos que venham aos Açores ou que sobre os Açores falem comigo.

Intentei lançar o livro aqui na Horta também para fazê-lo o mais perto possível das Lajes do Pico, onde opera a editora Companhia das Ilhas, que me publicou, e presta há sete anos um serviço de extremo valor para a cultura açoriana. Devo este livro totalmente ao editor Carlos Alberto Machado, pois foi ele quem obteve e reforçou com meios próprios uma bolsa de investigação da drac e depois fez imprimir o texto com toda a elegância gráfica que reconhecemos neste livrinho. Foi também uma grande honra poder contar com a reprodução deste quadro muito pouco conhecido do

pintor micalense Domingos Rebêlo, que coloca pescadores e mareantes num panorama costeiro açoriano. Há especiais afinidades de época mas também de temática humana entre a representação literária de um e a representação artística do outro — e basta admirar no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, o extenso panorama de *Alegoria ao Trabalho* de 1934, ou alguns desenhos e pequenos quadros de pescadores da costa norte da ilha de São Miguel datados de 1924-25 e incluídos nos livros que Jorge Rebêlo com brio e espírito conseguiu fazer imprimir. E como verificarão, localizei outras afinidades de Raul Brandão com açorianos natos ou adoptivos que com ele foram convivendo desde finais do século XIX até a meados da década de 1920, e deve mesmo sublinhar-se que a sua primeira sepultura, no Cemitério dos Prazeres em Lisboa, em 1930-34, ocupou o jazigo do seu velho amigo Maximiliano de Abreu, que serviu numa companhia de artilharia sediada na Horta entre 1876 e 1881, mas por cuidado e apreço de sua mulher, uma faialense com a qual Raul e Maria Angelina mantiveram contactos estreitos muito para além da morte prematura de Maximiliano, ocorrida em 1908.

Há mais de dez anos que pesquiso, edito e escrevo muito regularmente sobre Raul Brandão, e como devem compreender fiz — creio — algumas coisas relevantes para um melhor conhecimento da sua vida e obra, das suas relações com os meios literário e jornalístico do seu tempo e das décadas seguintes. E se gosto de tudo quanto fiz, e tenho plena consciência do meu propósito, entendo que este livro *Raul Brandão e os Açores* é o que verdadeiramente mais faltava fazer. Como compreender, por exemplo, que a primeira crítica ao livro, por Vitorino Nemésio, vejam bem, tivesse permanecido ignorada durante 90 anos? Como entender que tivesse ficado no limbo dum arquivo literário de biblioteca um texto inédito de Raul Brandão sobre a ilha do Corvo escrito em 1909, quando ele não tinha tido então qualquer conhecimento directo da vida naquele pequeno recanto de mundo? Tínhamos sem dúvida — desde os anos 1990-2000 — trabalhos fundamentais de Urbano Bettencourt sobre o desacordo entre a viagem de Brandão e a de outros continentais em missão de propaganda insular por iniciativa dum dinâmico jornal micalense, mas foram publicados em colectâneas de ensaios com chancelas infelizmente sem efectiva projecção

nacional, como tínhamos também prefácios de Pedro da Silveira e de António Manuel Machado Pires que ajudavam a contextualizar este inesperado livro de viagens. Mas diante da recolha feita neste livro, é indispensável considerar que só agora foi recolhido e transcrito o material mais ilustrativo acerca do motivo, edição e recepção de *As Ilhas Desconhecidas*.

Na apresentação deste livro feita há dias no Arquipélago de Escritores, encontro literário realizado em Ponta Delgada pelo segundo ano consecutivo e dirigido pelo meu querido amigo Nuno Costa Santos, tive oportunidade de afirmar a minha estranheza pelo facto de esta recolha não ter sido feita desde há mais de trinta anos, em licenciaturas da Universidade dos Açores, e pela demora e enorme atraso na publicação de edições regionais, sobretudo por ser quase consensual que o livro de Raul Brandão havia trazido aos açorianos um olhar sobre si mesmos e a sua terra de enorme clarividência psicossocial, digamos assim. Mas também fiz eu próprio um *mea culpa* por ter demorado anos a entender que *faltava fazer isto*, tendo também admitido ser este livro um dos meus trabalhos mais extensos, distanciando-se do pequeno folgo de todos os restantes cem artigos que já dediquei ao escritor e estão reunidos em dois livros: *Cinzento e Dourado*, editado em 2017 pela Imprensa Nacional, com prefácio de José Carlos Seabra Pereira; e *Ainda Raul Brandão. Trabalhos 20017-20*, a sair em Março próximo, pelo Progresso da Foz, associação cultural do Porto.

Porque na verdade, *As Ilhas Desconhecidas* é o livro mais inesperado no conjunto da obra do escritor. Em primeiro lugar, como demonstrei citando a sua correspondência com o grande amigo Teixeira de Pascoaes, não estava de todo na agenda do escritor, surgindo-lhe por encomenda do editor Bertrand quando ele planeava dedicar-se a tempo inteiro à revisão dos seus livros e a uma trilogia que nunca completou. Mas mais do que isso, difere no pólo oposto dos ambientes humanos dos seus principais trabalhos, em especial o *Teatro*, construídos sobre ambientes exíguos ou fechados, a que hoje chamaríamos minimalistas. A longa viagem em mar aberto e o transbordo inter-ilhas devolveu o escritor de 57 anos ao contacto directo e afectuoso com pescadores e mareantes que tão forte impacto havia tido na sua infância e adolescência, levando-o a observar o rico contraste de cada ilha com as demais, próximas ou distantes.

Raul Brandão não visitou todas as ilhas, nem as que visitou o fez da mesma maneira e sequer foi acolhido igualmente em todas essas. E é bom de ver — agora — que neste particular o Faial teve um papel especial na defesa do valor da campanha do escritor em prol do conhecimento do arquipélago açoriano. *A Verdade Vence* de António Baptista, impresso nesta cidade em finais de 1924 e reeditado setenta anos depois, em 1994, reuniu crónicas deste jornalista que se fez cicerone do escritor no Faial e no Pico, e nos dá informações preciosas sobre contactos havidos e percursos feitos, neste e daquele lado do canal, numa atenção específica à sua viagem aos Açores sem paralelo às de qualquer outro jornalista regional, de Angra ou de Ponta Delgada. Também são de escritores do Faial a grande maioria de livros de autores açorianos que foram oferecidos a Raul Brandão durante e após a passagem pelas ilhas e que ainda hoje se conservam na sua biblioteca preservada pela Sociedade Martins Sarmento. Foi, aliás, através das notas de reportagem de Baptista que ficámos a saber do interesse de Brandão em conhecer pessoalmente o escritor e jornalista Florêncio Terra (1858-1941), cujos contos lera com inesquecível agrado nas páginas do suplemento literário d’*O Século* duas décadas antes, repito *duas décadas antes*, e a quem se ofereceu para cativar editor lisboeta para uma antologia que, como bem sabemos, só viria postumamente e bastante depois.

Foi também provavelmente aqui que, vindo do Corvo, onde primeiro se dirigiu e permaneceu, tomou contacto directo com a monumental obra científica do coronel Francisco Afonso Chaves, e a sua admirável rede de observatórios meteorológicos e naturais. E foi também na Horta que — quanto pude apurar — pela primeira vez se antecipou nos Açores um fragmento de *As Ilhas Desconhecidas*, pois o jornal *A Democracia* publicou na sua primeira página de 6 de Fevereiro de 1926 o capítulo «O Caldeirão da ilha do Corvo» — que saíra um mês antes no lisboeta *Diário da Tarde*.

O depoimento de António Baptista também é fundamental por outros motivos, desde logo porque revela que Brandão não veio tão desapoiado de contactos prévios e de missivas protocolares criadoras de facilidades úteis como se disse ou imaginou. É hoje muito difícil reconstituir esse *back-office*, por destruição de velhos papéis tidos por insignificantes ou por inacessibilidade a arquivos familiares, mas talvez a existência dum livro como

este que hoje aqui lançamos sirva para aguçar a curiosidade de leitores locais, que doravante decidam tentar ir ainda mais longe, procurando e revelando em blogues de história e literatura ou artigos de imprensa essas tais cartas de recomendação, mas também fotografias, exemplares com dedicatórias ou comentários anotados à margem, cartas a terceiros com apreciações críticas de leitura, ou até referências circunstanciais mas que indiciam a permanência dum autor ou obra — e assim ajudem a conhecer mais e melhor a pequena grande história da passagem de Raul Brandão por esta terra.

Como autor deste livro, nada me agradaria mais do que vê-lo ultrapassado por novas pesquisas, e sobretudo por pesquisas locais, pois isso significaria que os açorianos reconheciam o livro de Raul Brandão como seu, e o escritor um escritor açoriano como qualquer um deles, seguindo a interpretação ousada mas lúcida do poeta José Henrique Santos Barros. Porque de uma coisa eu não tenho dúvidas: os açorianos foram, são e serão sempre os leitores mais exigentes, surpreendidos e viscerais de *As Ilhas Desconhecidas. Notas e paisagens* de Raul Brandão.

Muito obrigado!

Vasco Rosa